**Terras Indígenas do Xingu**

**Aweti**

Região: Mato Grosso

População: 192 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Aweti

Principais madeiras utilizadas: moreira e piranheira

Tradicionalmente, os Aweti exerceram um importante papel entre os povos do Alto Xingu como intermediários na circulação de notícias e bens, além de serem anfitriões para os viajantes. A perda populacional catastrófica sofrida nas primeiras décadas do século XX diminuiu sua presença na área. Com a recuperação populacional, no entanto, o povo retomou a vida cultural tradicional e tem procurado marcar presença na atual sociedade alto-xinguana. Há uma divisão de trabalho entre homens e mulheres na produção de objetos artesanais. A fabricação das redes é domínio das mulheres, enquanto os homens produzem as armas, os bancos e a maioria dos objetos simbólicos usados nos rituais. Alguns adornos não tradicionais e com potencial de comercialização são produzidos por ambos.

**Nahukwá**

Região: Mato Grosso

População: 143 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Karib

Os Nahukwá compõem o menor dos grupos que integram o Alto Xingu. Em 1953, eclodiu uma epidemia de sarampo e um ano depois a etnóloga Gertrude Dole anunciou que os Nahukwá eram um povo extinto. Entretanto, a melhora no tratamento de saúde e os casamentos com outras etnias permitiram que os Nahukwá crescessem novamente. Eles também participam de rituais com outros grupos da região. Os homens Nahukwá praticam regularmente as lutas e o arremesso de dardos para se sobressaírem nesses encontros.

**Kalapalo**

Região: Mato Grosso

População: 669 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Karib

Os Kalapalo foram os primeiros xinguanos contatados pelos irmãos Villas-Boas, em 1945. Compõem um dos quatro grupos de língua karib que habita a região do Alto Xingu. Vivem hoje em duas aldeias no interior do Parque Indígena do Xingu e somam mais de 650 indivíduos. A vida social em suas aldeias varia de acordo com as estações do ano. Na estação seca, que se estende de maio a setembro, a comida é abundante e realizam rituais públicos, que costumam contar com muita música e a participação de membros de outras aldeias. Na estação chuvosa, a comida torna-se escassa e a aldeia fecha-se nas relações entre as casas e os parentes. No contexto do Território Indígena do Xingu, os Kalapalo têm se destacado por uma participação ativa na vigilância de seus limites, evitando a invasão de fazendeiros vizinhos.

**Mehinaku**

Região: Mato Grosso

População: 286 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Aruak

Principais madeiras utilizadas: piranheira, moreira, jatobá, sucupira, sibipiruna e buriti

Habitantes do Alto Xingu, os Mehinaku são parte de um amplo complexo de povos pouco diferentes entre si. O sistema especializado de trocas comerciais, os rituais intersocietários e os padrões de intercasamento a um só tempo enredam e particularizam os Mehinaku das demais etnias que os circundam. Somam hoje pouco mais de 280 indivíduos distribuídos entre duas aldeias no Rio Coliseu, cujo posicionamento segue a longa tradição de aldeias circulares divididas em metades. O plano terrestre da aldeia replica a arquitetura do céu. A Casa dos Homens, no centro, deve dividir em dois o Caminho do Sol. Demarcando o centro dessa arquitetura está o banco. Excelentes artesãos, os Mehinako preservam seus artefatos tradicionais. Cabe aos homens a confecção de bancos, máscaras e pás de beiju, além da amarração final dos cestos. As mulheres fazem o fio de buriti, as redes, os cestos e as esteiras.

**Kuikuro**

Região: Mato Grosso

População: 653 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Karib

Os Kuikuro são, hoje, o povo com a maior população no Alto Xingu. Hoje somam mais de 650 habitantes. Produzem os colares e cintos de caramujo usados como mercadoria no tradicional sistema de trocas e pagamentos da região. A produção tradicional de bancos, esteiras, cestos e adornos plumários serve para o uso cotidiano e cerimonial, e também para selar alianças internas e externas. As alianças políticas e matrimoniais com os Yawalapiti, a partir dos anos 1950, ajudaram no ressurgimento dos Yawalapiti como aldeia e grupo. Os Kuikuro possuem um sofisticado conhecimento de estrelas e constelações, projetando no céu personagens e acontecimentos míticos. A observação do céu regula também atividades produtivas e rituais, estruturando as estações da seca (de maio a outubro) e da chuva (de novembro a abril).

**Waujá**

Região: Mato Grosso

População: 540 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Aruak

Habitantes da região ocidental da bacia dos formadores do Rio Xingu, os Waujá são notórios pela singularidade de sua cerâmica, pelo grafismo de seus cestos, pela sua arte plumária e pelas máscaras rituais. Seus bancos de madeira seguem uma estética semelhante à das vasilhas de cerâmica em forma de animais, tendo de cada lado do assento a cabeça e cauda da espécie representada. Além da riqueza de sua cultura material, esse povo possui uma complexa e fascinante cosmologia, permeada pelos vínculos entre os animais, as coisas, os humanos e os seres extra-humanos, cruciais nas práticas de xamanismo. Assim como os Mehinaku, são descendentes diretos de várias populações originárias do sudoeste da bacia amazônica que estabeleceram as primeiras aldeias xinguanas a partir dos anos 800 e 900 e habitavam, entre 1000 e 1600, enormes aldeias circulares interligadas por estradas e cercadas por valetas, paliçadas e caminhos terrestres elevados.

**Kamaiurá**

Região: Mato Grosso

População: 604 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Tupi-Guarani

Os Kamaiurá constituem uma referência importante na área cultural do Alto [Xingu](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo%3AXingu), em que povos falantes de diferentes línguas compartilham visões de mundo e modos de vida bastante similares. Estão ainda vinculados por um sistema de trocas especializadas e rituais intergrupais, os quais recebem diferentes nomes no interior de cada etnia, mas que ficaram mais conhecidos (pelos de dentro e pelos de fora do universo xinguano) justamente pelos termos usados na língua Kamaiurá, tais como o *Kwarup* e o *Jawari*. Os Kamaiurá jamais se afastaram de sua área de ocupação, na região de confluência dos rios Kuluene e Coliseu. Hoje em dia, a aldeia dos Kamaiurá se localiza cerca de dez quilômetros ao norte do Posto Leonardo Villas-Bôas, a aproximadamente 500 metros da margem sul da Lagoa Ipavu e seis quilômetros do Rio Kuluene, à sua direita. Constituem o território Kamaiurá imediato a aldeia, formada pelas casas e pelo pátio cerimonial, a mata vizinha, a lagoa de Ipavu e os riachos que nela deságuam.

**Yawalapiti**

Região: Mato Grosso

População: 262 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Aruak

Um dos primeiros povos a ocupar a região do Xingu, os Yawalapiti acreditam na existência de uma multiplicidade de seres espirituais – de essência antropomorfa – com influência considerável nos assuntos humanos, espíritos invisíveis, chamados de *munukinari*, que só aparecem para os doentes e para os xamãs. Na aldeia Yawalapiti, as casas comunais circundam uma praça limpa de mato. No centro da praça ergue-se uma casa frequentada apenas pelos homens e destinada a guardar as flautas sagradas. É nessa casa, ou em bancos diante dela, que os homens se reúnem para conversar ao crepúsculo e onde eles se pintam para as cerimônias. São os homens que constroem as casas e realizam todos os trabalhos em madeira, como bancos, arcos, pilões, pás de virar o beiju, além de cestos e instrumentos cerimoniais, como flautas e chocalhos. Seus bancos, assim como os de outros povos xinguanos, retratam animais de sua mitologia, como as onças.

**Trumai**

Região: Mato Grosso

População: 258 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Trumai

Os Trumai foram o último grupo a chegar no Xingu, na primeira metade do século XIX. Sua numerosa população decresceu devido a conflitos com outros povos e epidemias. Os Trumai se recuperaram graças a casamentos com pessoas de outras etnias, apesar de ter dispersado sua população, pondo em xeque a manutenção de suas identidades étnica e cultural. Atualmente habitam a área central do Território Indígena do Xingu. Após chegar no Alto Xingu, os Trumai incorporaram hábitos comuns aos povos da área, como o uso de arcos e flechas e o costume de dormir em redes. Apesar disso, preservaram características que ainda os distinguem, como, por exemplo, não realizarem o Quarup e consumirem alimentos proibidos para os alto-xinguanos, como a capivara. A língua trumai é isolada, isto é, não apresenta parentesco com nenhum outro idioma do Xingu nem com outras famílias linguísticas brasileiras. Analisando seu vocabulário, constata-se a presença de vários empréstimos advindos dos Kamayurá, resultado das relações interétnicas.

**Kisêdjê**

Região: Mato Grosso

População: 424 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Jê

Único povo de língua jê no Alto Xingu, os Kisêdjê têm um estilo particular de canto ritual. Cantar, para o grupo, é o máximo da expressão oral e um modo de articular as experiências das vidas individuais com os processos sociais. Trabalham para assegurar a subsistência por cerca de três a quatro horas diárias e canta-se o mesmo período. E em um dia de cerimônia, os Kisêdjê podem cantar por até 15 horas. "Fazer música" é também dançar, fazer política e comunicar algo sobre si. Até algumas décadas atrás, outro marco diferencial do grupo eram os grandes discos labiais e auriculares que, mais do que ornamentos, apontavam a importância da fala e da audição para os Kisêdjê. Na sua produção artesanal destacam-se as redes de buriti, a cerâmica, os chocalhos, os bancos de madeira e as esteirinhas de buriti ou inajá, trançadas com algodão. Os bancos são feitos pelos homens com madeira de amoreira ou de almíscar ou breu. Neles são aplicados, com uma tinta escura à base de carvão, os mesmos desenhos usados na pintura corporal. São usados por todos na aldeia, porém, a mulher não pode se sentar no banco do marido nem os filhos no banco do pai.

**Kawaiwete (Kayabi)**

Região: Mato Grosso

População: 2242 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Tupi-Guarani

A maioria da população Kayabi foi transferida para a Terra Indígena do Xingu após sua região de origem, também em Mato Grosso, ter sido retalhada em pequenas fazendas nos anos 1950. Exímios agricultores, cultivam uma enorme diversidade de espécies. Além disso, são conhecidos pelos objetos que fazem com tucum e inajá – dois tipos de planta – e pelas exuberantes peneiras caracterizadas por complexos padrões gráficos inspirados na cosmologia e na mitologia do grupo. Os bancos Kaiabi se distinguem dos outros talhados pelos povos xinguanos por suas linhas retas e geométricas. São feitos pelos homens, com madeiras de alta durabilidade, como cedro, itaúba ou canela, para uso de todos. Antigamente, porém, apenas os pajés e chefes podiam usá-los. Hoje em dia, os Kayabi têm uma participação política ativa no contexto do Xingu e na luta pela recuperação de seus antigos territórios.

**Yudjá (Juruna)**

Região: Mato Grosso

População: 880 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Juruna

Os Yudjá são retratados em sua mitologia como a humanidade prototípica, isto é, canoeira e produtora de cauim. São antigos habitantes das ilhas e penínsulas do Baixo e Médio Xingu, mas ao longo dos séculos foram forçados a realizar sucessivos deslocamentos. Sua população caiu de 2 mil pessoas para 52 entre 1842 e 1916, uma tragédia demográfica resultante sobretudo do avanço dos seringueiros, mas também de conflitos com outros povos da região. O Xingu é essencial à vida dos Juruna: além de viverem principalmente da pesca, dependem do rio para se deslocar, já que participam de uma ampla rede de parentesco e amizades que inclui as cidades de Altamira e Volta Grande. Os Yudjá são exímios remadores e trouxeram para o Xingu a técnica de confecção de canoas de um só tronco. Possuem uma produção artística muito rica, representada sobretudo pela tecelagem e pelos bancos, remos, cerâmica e cabaças pintadas. As peças são decoradas com os motivos da pintura corporal, exibindo quase sempre espirais duplas separadas por linhas paralelas retas ou ondulantes. Os bancos são talhados pelos homens e pintados pelas mulheres. Antigamente apenas os chefes e pajés podiam se sentar neles, mas hoje são para o uso de todos na aldeia.

 **Amazônia**

**Umutina-Balatiponé**

Região: Mato Grosso

População: 515 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Bororo

Apesar dos efeitos desagregadores advindos do contato com os não indígenas, como a perda da língua nativa e de sua terra tradicional, além das doenças que causaram um grave decréscimo populacional, os Umutina possuem um forte sentido de identidade étnica, reconhecendo-se como tradicionais moradores da região do Alto Paraguai, envolvidos atualmente na recuperação de suas manifestações socioculturais tradicionais. O etnólogo Harald Schultz observou, nos anos 1950, que os Umutina obedecem a um chefe somente em tempos de guerra. Normalmente, os grupos de famílias são orientados por uma mulher. Ao lado desta, no maior grupo familiar, há um homem respeitado e cuja opinião é geralmente acatada.

**Rikbaktsá**

Região: Mato Grosso

População: 1.514 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Rikbaktsá

Os Rikbaktsá vivem na bacia do Rio Juruena, no noroeste de Mato Grosso, em duas terras indígenas. Famosos por seu caráter guerreiro, eram bem conhecidos pelos grupos indígenas vizinhos, com os quais, quase sem exceção, mantiveram relações hostis. Opuseram resistência armada aos seringueiros até 1962, a partir de quando seu território tradicional passou a ser ocupado por diversas frentes missionárias e extrativistas. Logo após a ocupação, epidemias dizimaram 75% de sua população, calculada em 1.300 pessoas. Desde o final dos anos 1970, os Rikbaktsá passaram a lutar pela recuperação de parte de suas terras, conseguindo, em 1985, retomar a região de Japuíra. Continuaram a luta pela região do Escondido, demarcada apenas em 1998. Os Rikbaktsá vivem da caça, coleta, pesca e agricultura, atividades que desempenham de forma ritualizada dentro de um ciclo de cerimônias ritmadas pelo ano agrícola. Seu universo mítico é expressado em rituais por meio da música e de enfeites plumários muito coloridos. Os bancos são produzidos eventualmente.

**Karajá**

Região: Goiás, Mato Grosso, Pará e Tocantins

População: 3.768 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Karajá

Principais madeiras utilizadas: aderno

Habitantes do Rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso, os Karajá têm uma longa convivência com outras comunidades indígenas e não indígenas, o que, no entanto, não os impediu de manter costumes tradicionais do grupo, como a língua nativa, as bonecas de cerâmica, as pescarias familiares, os rituais como a Festa de Aruanã e da Casa Grande, os enfeites plumários, a cestaria, o artesanato em madeira e sua característica pintura corporal. Ao mesmo tempo, buscam a convivência temporária nas cidades para adquirir meios de reivindicar seus direitos territoriais, o acesso à saúde, educação bilingue, entre outros. Os bancos dos Karajá possuem sempre o mesmo formato: assento plano, base dupla e pontas laterais com pequenos rostos, de onde se sobressaem olhos formados por incrustações de conchas. Têm ainda uma alça ou cordão para o transporte. A superfície é pintada com grafismos geométricos que se repetem na pintura corporal, nos trançados e na cerâmica. Os desenhos em geral representam partes de animais como o quati, a formiga, a cobra ou o peixe-faca.

**Tapirapé**

Região: Mato Grosso e Tocantins

População: 760 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Tupi-Guarani

Principais madeiras utilizadas: falso-pau-brasil

Os Tapirapé são um povo Tupi-Guarani da Serra do Urubu Branco, em Mato Grosso. Em decorrência do contato com as frentes de expansão, a partir de meados do século XX, sofreram intensa despopulação, período em que estreitaram suas relações com grupos Karajá, até então inimigos. Depois de terem seu território tradicional ocupado por fazendas de agropecuária, na década de 1990 conseguiram reconhecimento oficial de duas terras indígenas, uma delas coabitada pelos Karajá. A terra do Urubu Branco, no entanto, ainda enfrenta problemas fundiários, em razão de invasões de fazendeiros e garimpeiros. O artesanato é atualmente a mais importante atividade comercial dos Tapirapé, fornecendo-lhes meios para aquisição de artigos como objetos de metal, roupas, armas e munição para caça e sal. Entre as peças mais comuns estão bancos, remos, lanças, cuias decoradas, arte plumária, cestarias e a máscara tawa, “cara grande” — um enorme rosto composto por um mosaico de plumas coloridas e olhos de madrepérola. Os banquinhos de madeira dos Tapirapé assemelham-se aos dos Karajá, refletindo assim a longa história de convivência e trocas culturais com o povo vizinho.

**Asurini do Xingu**

Região: Pará

População: 182 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Tupi-Guarani

Após o contato com os não indígenas, em 1971, os Asurini do Xingu – autodenominados Awaeté – sofreram uma drástica baixa populacional. Contudo, o perigo iminente de sua extinção sempre contrastou com uma extrema vitalidade cultural, manifestada na realização de extensos rituais, nas práticas de xamanismo e em um elaborado sistema de arte gráfica, que aplicam não só sobre a cerâmica, importante veículo de afirmação de sua identidade étnica, mas também sobre o corpo e sobre objetos de uso cotidiano e ritual. Os bancos de madeira também passaram a ser decorados com esses grafismos. A cultura material dos Asurini também compreende tecelagem, cestaria, armas e flautas. Os Asurini do Xingu estão localizados na margem direita do rio homônimo, onde fica a Terra Indígena Koatinemo, homologada em 1986.

**Munduruku**

Região: Amazonas e Pará

População: 13.755 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Munduruku

Povo de tradição guerreira, os Munduruku dominavam culturalmente a região do Vale do Tapajós. Hoje, suas batalhas estão voltadas para garantir a integridade de seu território, ameaçado pelas pressões das atividades ilegais dos garimpos de ouro, pelos projetos hidrelétricos e pela construção de uma grande hidrovia no Tapajós. Várias expressões culturais significativas dos Munduruku estavam relacionadas a atividades de guerra, que tinham um caráter simbólico marcante para a constituição do homem. A caça e a pesca também têm um papel central em sua sociedade. A riqueza de sua cultura é expressa ainda em um amplo repertório de canções, que versam sobre relações do cotidiano, frutos e animais, e na cosmologia, cujas narrativas denotam um profundo conhecimento astronômico por parte do grupo.

**Xipaya**

Região: Pará

População: 173 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Juruna

Habitantes da região de Altamira, os Xipaya foram perseguidos pelos colonizadores e forçados a trabalhar no extrativismo desde o século XVII. Foram aldeados na Missão Tauaquara, onde sempre foram marginalizados e tiveram negados seus direitos indígenas. Hoje estão distribuídos entre esta cidade e as aldeias, e lutam por seus direitos territoriais e de cidadania.

**Sateré-Mawê**

Região: Amazonas

População: 13.350 (CGTSM, 2014)

Família linguística: Mawé

O mito de origem dos Sateré-Mawê estabelece que eles são filhos do guaraná. Habitantes da região do médio Rio Amazonas, o grupo aperfeiçoou o plantio e o beneficiamento da planta. O çapó, guaraná em bastão ralado na água, é a bebida cotidiana, ritual e religiosa, consumida por adultos e crianças. O preparo e o consumo do çapó seguem uma série de práticas que resultam em uma sessão ritual igual tanto no contexto familiar quanto em reuniões de lideranças do grupo. Os Sateré-Mawê possuem rica cultura material, sendo o artesanato de palha feito pelos homens, os teçumes, sua maior expressão. Eles usam talos e folhas de caranã, arumã e outros para fazer peneiras, cestos, tipitis, abanos, bolsas, chapéus, paredes e coberturas de casas. A produção de bancos, no entanto, não é frequente.

**Galibi-Marworno**

Região: Amapá

População: 2.529 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Creoulo

Os mitos Galibi-Marworno evidenciam uma consciência das condições mutantes do espaço que habitam. Trata-se de uma zona de confluência entre a bacia do Rio Uaçá e o oceano aberto, no norte do Amapá, região em constante redefinição geológica. São exímios construtores de canoas, que vendem, geralmente por encomenda, em Saint Georges, mas também em Oiapoque e no Cassiporé. A grande festa ritual dos Galibi-Marworno é o Turé, no qual grandes quantidades de caxiri são consumidas e, entre cantos e danças, o pajé, sentado em seu banco em forma de pássaro e tocando seu maracá, chama os espíritos Karuãna para ajudar com seus poderes de cura. As formas e desenhos dos bancos e mastros são sonhados pelo pajé, de acordo com o Turé e com os bichos da mata que ele quer homenagear. Conjuntamente com os cantos xamânicos, as marcas ou pintas dos bancos e mastros cerimoniais constituem o patrimônio de um pajé.

**Karipuna**

Região: Amapá

População: 2922 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Creoulo

Os Karipuna fazem parte do complexo de povos indígenas da região do baixo Rio Oiapoque, inseridos em redes amplas de intercâmbio que englobam famílias indígenas ou não indígenas estabelecidas em aldeias e cidades vizinhas, no Brasil e na Guiana Francesa. Apesar de se tratar de uma sociedade com fronteiras pouco precisas, fluidas e indefinidas, dados os constantes intercâmbios, casamentos com outras etnias e realocações de famílias, os Karipuna utilizam a expressão “nosso sistema” para definir o conjunto de práticas, conhecimentos e crenças que consideram próprias, abrangendo conhecimentos xamanísticos e católicos.

**Palikur**

Região: Amapá e Guiana Francesa

População no Brasil: 1.712 (Siasi/Sesai, 2014)

População na Guiana Francesa: 720 (Passes, 1994)

Família linguística: Aruak

Principais madeiras utilizadas: cedro

Os Palikur são uma das populações que há mais tempo vivem na região ao norte da foz do Amazonas. Documentos de viajantes europeus datados da primeira década do século XVI relatam a presença de uma numerosa sociedade indígena chamada “Paricura”, localizada na foz de um grande “mar de águas doces”. Isso significa também que os Palikur estão há tempos em contato com os não indígenas, o que não se deu sem traumas. Também em suas narrativas orais, os Palikur são descritos como bravos guerreiros e navegadores, qualidades que, por certo, os ajudaram a sobreviver e passar hoje por uma situação de crescente aumento populacional.

**Wajãpi**

Região: Amapá, Pará e Guiana Francesa

População no Brasil: 1.221 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Tupi-Guarani

O termo Wajãpi designa todos os subgrupos que vivem na região delimitada pelos rios Oiapoque, Jari e Araguari, no Amapá. A história dos Wajãpi nos últimos 250 anos corresponde à expansão desse povo rumo ao norte, desde sua origem no baixo Rio Xingu até a instalação na área que ocupam hoje. A agricultura é uma atividade central na vida dos Wajãpi: queimar e limpar as roças são atividades coletivas, nas quais um chefe de família é ajudado por outros membros da comunidade, num sistema de mutirão. Os bancos wajãpi são produzidos pelos homens. Talhados em um só bloco de madeira, principalmente no cedro-vermelho, têm diversos tamanhos, formatos e usos. Os infantis e femininos são quadrangulares e os masculinos são côncavos e ovalados. Alguns têm acabamento em madeira lisa, outros são enfeitados com pinturas à base de resinas naturais. Entre os bancos destacam-se os que representam o urubu de duas cabeças.

**Wayana e Aparai**

Wayana

Região: Pará, Guiana Francesa e Suriname

População no Brasil: 329 (Siasi/Sesai, 2014)

População na Guiana Francesa: 800 (Lopes, 2002)

População no Suriname: 500 (Lopes, 2002)

Família linguística: Karib

Aparai

Região: Pará, Guiana Francesa e Suriname

População no Brasil: 514 (Siasi/Sesai, 2014)

População na Guiana Francesa: 40 (Eliane Camargo, 2011)

População no Suriname: 10 (Eliane Camargo, 2011)

Família linguística: Karib

Os Aparai e os Wayana habitam a fronteira entre o Brasil, o Suriname e a Guiana Francesa. No Brasil, eles mantêm há pelo menos cem anos relações estreitas de convivência, coabitando as mesmas aldeias e casando-se entre si. Por conseguinte, é muito comum encontrar referências a essa população como um único grupo, embora sua diferenciação seja reivindicada com base em trajetórias históricas e traços culturais distintos. Nas refeições e durante os trabalhos artesanais, homens e mulheres sentam-se em bancos de madeira. Os bancos femininos são mais baixos que os masculinos e ambos são talhados em um único bloco de madeira, geralmente cedro. Outro tipo de banco é destinado aos homens idosos, aos especialistas: o assento é encurvado e suas laterais recebem pintura preta e grafismos pretos entalhados com uma faca. Esses bancos podem ter a cabeça e cauda de vários animais, como o urubu-rei e o tracajá. Entre os grafismos mais comuns estão o *kaikui* ou *kaikuxi*, que representa uma onça ou ser sobrenatural de duas cabeças, e o *matawat* ou *atanta*, que representa a larva de borboleta ou a serpente sobrenatural.

**Tiriyó**

Região: Pará e Suriname

População no Brasil: 1.715 (Siasi/Sesai, 2014)

População no Suriname: 1.845 (Ellen-Rose Kambel, 2006)

Família linguística: Karib

Os Tiriyó que vivem no Brasil compartilham a faixa oeste do [Parque Indígena de Tumucumaque](https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3885) (PIT), desde o final dos anos 1960, com os grupos [Katxuyana](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo%3AKatxuyana) e Txikuyana, assim como com alguns membros dos grupos Ewarhuyana e Akuriyó. Algumas famílias Tiriyó encontram-se na faixa leste do PIT, convivendo mais com os [Aparai](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo%3AAparai) e [Wayana](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo%3AWayana) que habitam no médio e alto curso do Rio Paru de Leste. No Suriname, onde vivem em maior número que no Brasil, os Tiriyó encontram-se nos Rios Tapanahoni, Sipariweni e Paroemeu. A experiência de convívio dos Tiriyó com não indígenas, tanto no Brasil quanto no Suriname, deu-se em um período relativamente recente, tendo ocorrido a partir de meados dos anos 1950 por iniciativa de militares e missionários. A partir dos anos 1990, além dos militares e missionários, passaram a atuar na região outras agências governamentais e não governamentais.

**Katuena**

Região: Amazonas e Pará

População no Brasil: 140 (Siasi/Sesai, 2014) 500

Família linguística: Karib

Os Katuena pertencem ao conjunto de povos hoje mais conhecidos pela designação genérica de Waiwai, habitantes das terras indígenas Trombetas-Mapuera, que abrange os estados do Pará, Amazonas e Roraima. No entanto, Waiwai é o nome de apenas uma parte, majoritária, de seus habitantes. Ali vivem também os Katuena e outros grupos como os Hixkaryana, Mawayana, Xereu, Cikiyana, Tunayana, Yapîyana, Pianokoto e Waimiri-Atroari. Os Katuena vivem também em algumas aldeias misturadas no Suriname. A produção material dos Katuena confunde-se com a dos outros grupos que habitam o mesmo território.

**Kaxuyana**

Região: Amazonas e Pará

População: 382 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Karib

O termo Kaxuyana significa “gente que habita o Rio Cachorro”, um afluente do Trombetas. Apesar de constituírem um grupo étnico oficialmente reconhecido, resta-lhes ter reconhecido o direito à sua terra de origem e de ocupação tradicional, para a qual retornaram depois de décadas de um exílio motivado pela eclosão de epidemias. Assim como na tradição oral de muitos outros povos indígenas, em sua mitologia as narrativas se referem a lugares específicos ao longo de seu território de ocupação tradicional.

**Hixkaryana**

Região: Amazonas e Pará

População: 1.242 (Siasi/Sesai, 2012)

Família linguística: Karib

Principais madeiras utilizadas: quaruba

Atualmente, a maior parte dos Hixkaryana vive nas margens do médio Rio Nhamundá, rio que faz divisa entre os estados do Amazonas e do Pará. Grupo de forte caráter multiétnico, os Hixkaryana têm uma história marcada por seguintes dispersões e reuniões de suas aldeias. O universo mitológico dos Hixkaryana conta com elementos comuns às cosmologias de outros povos sul-americanos. Em geral, seus mitos falam sobre um passado pré-cósmico no qual não havia distinção rígida entre humanos e não humanos, isto é, um passado no qual a condição humana era coextensiva à natureza. Desde a chegada de missionários, no final dos anos 1950, os Hixkaryana incorporaram elementos da religiosidade cristã às suas práticas rituais e visão de mundo.

**Waiwai**

Região: Amazonas, Pará, Roraima e Guiana Francesa

População no Brasil: 2.502 (Siasi/Sesai, 2014)

População na Guiana: 170 (Weparu Alemán, 2006)

Família linguística: Karib

Os Waiwai encontram-se dispersos na extensa fronteira entre o Brasil e as Guianas. Constituíram-se a partir de processos seculares de troca e de redes de relações na região. Ali, são historicamente reconhecidos como especialistas no fornecimento de sofisticados raladores de mandioca, papagaios falantes e cães de caça. Suas atividades de subsistência baseiam-se na caça, na pesca, na agricultura de coivara e na coleta de produtos silvestres. A coleta, sobretudo a da castanha-do-pará, representa um importante complemento na alimentação do grupo – também é um item de comercialização, assim como a farinha de mandioca e produtos artesanais. Às mulheres Waiwai cabe o fabrico de peças de cerâmica, raladores de mandioca, tangas e colares de sementes, entre outros, enquanto os homens fazem objetos como cestos, bancos, pentes, adornos de plumas, arcos e flechas. Até os dias de hoje, os Waiwai têm fama de serem grandes viajantes em suas expedições em busca de “povos não vistos”.

**Tikuna**

Região: Amazonas, Colômbia e Peru

População no Brasil: 53.544 (Siasi/Sesai, 2014)

População na Colômbia: 8.000 (Goulard, J. P., 2011)

População no Peru: 6.982 (INEI, 2007)

Família linguística: Tikuna

Os Tikuna configuram o mais numeroso povo indígena na Amazônia brasileira. Com uma história marcada pela entrada violenta de seringueiros, pescadores e madeireiros na região do Rio Solimões, foi somente nos anos 1990 que os Tikuna lograram o reconhecimento oficial da maioria de suas terras. Hoje enfrentam o desafio de garantir sua sustentabilidade econômica e ambiental, bem como qualificar as relações com a sociedade envolvente mantendo viva sua riquíssima cultura. Não por acaso, as máscaras, desenhos e pinturas desse povo ganharam repercussão internacional.

**Ye’kwana**

Região: Roraima e Venezuela

População no Brasil: 615 (Siasi/Sesai, 2019)

População na Venezuela: 7.997 (INE, 2011)

Família linguística: Karib

Principal madeira utilizada: pau-brasil

Exímios navegadores e agricultores, os Ye’kwana são um povo originário da fronteira entre o Brasil e a Venezuela. Por serem grandes conhecedores da região, tornaram-se figuras importantes nas relações de troca que haviam entre os diversos povos indígenas da área. A maior parte da população Ye’kuana encontra-se na Venezuela. No Brasil, mais de 750 pessoas vivem na Terra Indígena Yanomami. São muito habilidosos e perfeccionistas naquilo que fazem e essas qualidades se expressam em suas artes, como nos balaios compostos de belos motivos gráficos, nas tangas femininas feitas com miçangas ou nos carimbos de madeira usados para pintura corporal. Os sábios Ye’kwana, ou seja, aqueles que detêm conhecimentos e práticas ensinados por seus ancestrais, dedicam a maior parte de suas vidas à arte de cantar e de cuidar das pessoas, dos alimentos e dos objetos de uso diário. Os bancos Ye'kwana também são feitos pelos homens, sempre representando animais. Distinguem-se de outros bancos indígenas pela forma da base característica correspondendo aos membros semidobrados do animal representado pelo banco.

**Tariana**

Região: Amazonas e Colômbia

População: 2.684 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Aruak (atualmente falam Tukano)

Autodenominados Taliaseri, os Tariana fazem parte do complexo de etnias que habitam a bacia do Rio Uaupés. São especializados em implementos de pesca, como o caiá, o cacuri e o matapi. “Os bancos talhados em madeira dos Tariana destinam-se aos chefes, pajés e visitantes, e são talhados nas mais variadas formas, tanto para os homens quanto para as mulheres. Quando figurativos, representam preferencialmente animais de maior porte, como a arara, o tuiuiú e o urubu entre as aves, e quadrúpedes como a onça, o jacaré, a tartaruga, o jabuti e o sapo.” – Trecho do texto “O banco do pajé”, de Ismael Pedrosa Moreira.

**Tukano**

Região: Amazonas, Colômbia e Venezuela

População no Brasil: 5.731 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Tukano

Principais madeiras utilizadas: molongó

Maior etnia do complexo cultural que margeia o Rio Uaupés, os Tukano são fabricantes tradicionais do banco ritual, feito de madeira e pintado, na parte do assento, com motivos geométricos semelhantes àqueles de seus trançados. O banco Tukano é um objeto muito valorizado, obrigatório em cerimônias e rituais, e nele sentam-se líderes, benzedores e chefes de cerimônia. Os Tukano compartilham uma área geográfica contínua e um mesmo modo de vida básico, que inclui a caça e a coleta, mas no qual predominam a pesca e a agricultura de coivara. A maioria dos rituais e da vida religiosa tukano está centrada em objetos e substâncias sagradas, assim como em bens menos tangíveis – nomes, cerimoniais, encantações e cantos. Os rituais que envolvem esses itens podem ser vistos como expressões formais de sua identidade e de suas relações com outros grupos.

**Baniwa**

Região: Amazonas, Colômbia e Venezuela

População no Brasil: 7.145 (Siasi/Sesai, 2014)

População na Colômbia: 7.000 (2000)

População na Venezuela: 3.501 (XIV Censo Nacional de Poblacion y Viviendas, 2011)

Família linguística: Aruak

Os Baniwa vivem na fronteira do Brasil com a Colômbia e a Venezuela. Destacam-se na confecção da cestaria de arumã, cuja arte milenar lhes foi ensinada pelos heróis criadores e que hoje vem sendo comercializada com o mercado brasileiro. Recentemente, têm se destacado pela participação ativa no movimento indígena da região, um complexo cultural articulado em uma rede de trocas e identidade no que diz respeito à organização social, cultura material e visão de mundo. Os Baniwa são excelentes artesãos e suas atividades básicas de subsistência consistem na agricultura e na pesca, importantes tanto econômica quanto culturalmente para o grupo.

**Ashaninka**

Região: Acre e Peru

População no Brasil: 1.645 (Siasi/Sesai, 2014)

População no Peru: 2.419 (INEI, 2007)

Família linguística: Aruak

Habitantes do Acre e do Peru, os Ashaninka têm uma longa história de luta, repelindo os invasores desde a época do Império Inca até a economia extrativista da borracha do século XIX e, particularmente, entre os habitantes do lado brasileiro da fronteira, combatendo a exploração madeireira desde 1980 até hoje. Povo orgulhoso de sua cultura, movido por um sentimento agudo de liberdade e prontos a morrer para defender seu território, conciliam também costumes e valores tradicionais com ideias e práticas do mundo dos brancos, tais como aquelas ligadas à sustentabilidade socioambiental.

**Huni Kuin (Kaxinawá)**

Região: Acre e Peru

População no Brasil: 10.818 (Siasi/Sesai, 2014)

População no Peru: 2.419 (INEI, 2007)

Família linguística: Pano

Na cosmovisão Huni Kuin, o aspecto espiritual permeia todo fenômeno vivo, isto é, não está localizado fora do mundo físico. Apontam para isso o uso constante e coletivo da ayahuasca, considerada privilégio do xamã em muitos grupos amazônicos, e as longas caminhadas solitárias de alguns velhos do grupo, sem objetivo aparente. O desenho é um elemento crucial para a estética Huni Kuin. Os mesmos motivos básicos são encontrados na pintura facial, na pintura corporal, na cerâmica, na tecelagem, na cestaria e na pintura dos banquinhos. De uso exclusivo masculino, os bancos Huni Kuin são feitos com a raiz aérea da sumaúma, uma árvore de madeira leve e considerada poderosa pelo grupo.

Os Huni Kuin habitam a fronteira entre o Brasil e o Peru na Amazônia ocidental. O realdeamento em Fronteira após uma epidemia de sarampo nos anos 1950 e consequente fuga de muitos indígenas da região é um processo que até hoje não foi totalmente concluído. Hoje, as famílias parecem prezar mais pela sua independência umas das outras. A tendência à cisão de aldeias é comum entre eles e reflete a base democrática que constitui sua comunidade.

# Arara Shawãdawa

Região: Acre

População no Brasil: 677 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Pano

Os Arara autodenominam-se Shawãdawa, mas são conhecidos também por outras denominações, como “Shawanáwa”, “Xawanáua”, “Xawanáwa”, “Chauã-nau”, “Ararapina”, “Ararawa”, “Araranás”, “Ararauás” e “Tachinauás”. O contato com os agentes da frente de expansão da borracha deixou marcas na relação do grupo com a língua materna. Atualmente, são poucos os falantes da língua arara. Os Arara passaram a não mais transmiti-la a seus descendentes, gerando uma população infantil educada apenas em português. Nos últimos anos eles têm se empenhado em reverter esse processo, por meio da revalorização de sua língua e tradições, bem como da reivindicação de seus direitos territoriais junto ao Estado brasileiro. A maior parte da população Arara reside na Terra Indígena Arara do Igarapé Humaitá.

**Jaminawa Arara do Rio Bagé**

Região: Acre

População no Brasil: 195 (Instituto Socioambiental – ISA, 2022)

Família linguística: Pano

Na região do Alto Juruá, no município de Marechal Thaumaturgo, localiza-se a terra indígena Jaminawa Arara do Rio Bajé, já demarcada e homologada. O reconhecimento desse povo e o consequente direito a seu território datam do ano de 1978, formado por descendentes de Jaminawa e Arara, nas cabeceiras dos Rios Tejo, Bajé e Humaitá. Alguns dos problemas desse povo têm origem no avanço das frentes extrativistas que provocaram um intenso processo de despopulação e dispersão dos Jaminawa e dos Arara do Vale do Juruá, afetando a sua integridade sociocultural, havendo um grande número de casamentos com regionais e com descendentes dos dois povos entre si. O cruzamento interétnico entre os Jaminawa e os Arara foi tão significativo que acabaram constituindo um novo povo: os Jaminawa Arara. O povo, mesmo “transfigurado”, resiste ao longo processo de extermínio. Atualmente, vivem um processo de retomada de sua organização sociocultural, dificultado pelos constantes conflitos internos, pelos casamentos com regionais e pela dificuldade de acesso à sua terra.

# Fonte: Tereza Almeida Cruz, “A União de Dois Povos”. In: *Povos do Acre: História Indígena da Amazônia Ocidental*. Rio Branco: Cimi; FEM, 2002. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/0MD00160.pdf>. Acesso em 17 mai. 2022.

**SANTA CATARINA**

**Xokleng**

Região: Santa Catarina

População no Brasil: 2.020 (Siasi/Sesai, 2014)

Família linguística: Jê

Desde o início do século XVIII, quando o Estado passou a interligar São Paulo ao Rio Grande do Sul, os Xokleng estão no centro de muitos conflitos com os não indígenas – sobretudo com madeireiros e colonos europeus. Habitantes da Terra Indígena Ibirama, localizada ao longo do Rio Hercílio, em Santa Catarina, os Xokleng são uma etnia muito próxima linguística e culturalmente dos Kaingang, com os quais passaram a ter muito contato a partir da pacificação de suas relações na região. A construção da Barragem Norte, nos anos 1970, causou uma inundação que inutilizou boa parte da TI Ibirama. Os Xokleng ainda não foram indenizados pelo incidente. Hoje, muitos se autodenominam La Klãnõ, ou seja, "gente do sol". O termo vem ganhando espaço político interno através de um movimento recente de recuperação de seu idioma e de registro dos mitos antigos.

**As informações sobre região, população e família linguística, exceto quando indicado, foram retiradas do site Povos Indígenas no Brasil, disponível em:** [**https://pib.socioambiental.org/**](https://pib.socioambiental.org/) **(acesso em 17 mai. 2022).**